

Gestos de interpretação sobre o discurso político: uma análise de “democracia” em diferentes materialidades discursivas

pg 185 - 196

Thaís Costa da Silva¹

Viviane Teresinha Biacchi Brust²

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise discursiva e contrastiva entre dicionários da língua portuguesa do Brasil, com o objetivo de analisar a produção de sentidos, mais especificamente, no verbete democracia, enquanto palavra que pode ser lida e ouvida diariamente, no universo das ruas, das manifestações, da cidade, fazendo referência ao discurso político. Os dicionários são: *Novo Aurélio Século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e *Dicionário Online de Português*, instrumentos linguístico-discursivos da maior importância neste início de século.

Palavras-chave: Dicionário. Discurso. Sentidos. Verbetes.

GESTURES OF INTERPRETATION ON POLITICAL SPEECH: AN ANALYSIS OF «DEMOCRACY» IN DIFFERENT DISCURSIVE MATERIALS

Abstract

This work presents a discursive and contrastive analysis between dictionaries of the Portuguese language of Brazil, with the objective of analyzing the production of meanings, more specifically, in the entry democracy, as a word that can be read and heard daily in the universe of streets, manifestations, of the city; referring to political discourse. The dictionaries are: *New Aurelio Século XXI*, by Aurélio Buarque de Holanda Ferreira and *Online Dictionary of Portuguese*, linguistic-discursive instruments of major importance at the beginning of this century.

Keywords: Dictionary. Speech. Senses. Entry.

“Pai, afasta de mim esse cálice”³

“Afaste de mim este cale-se”⁴

1 Mestranda em Estudos Linguísticos (PPGL/UFSM), inserida no projeto de pesquisa “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos - Terceira Fase”, da Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História coordenada pela professora Dr. Verli Petri (CORPUS/UFSM/PPGL).

2 Doutora em Estudos Linguísticos (PPGL/UFSM). Professora Substituta junto ao Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Educação da UFSM (20h).

3 Referimo-nos, nessa epígrafe, à canção de Chico Buarque e de Gilberto Gil, composta em 1973, em ato contra a censura, em óbvia alusão ao discurso religioso, bíblico, da agonia de Cristo no Calvário; proibida então, só foi liberada, para gravação e ao público, cinco anos depois, cfme. “Notas sobre Cálice”, de Zuza Homem de Mello, in: http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_zuza_calice.htm. Acesso em 04/08/2018. Tornou-se um hino à democracia. Recentemente, 29/julho/2018, foi cantada pelos compositores, em ato político – Festival Lula livre, no Rio –, a favor da liberdade do ex-presidente Lula.

4 Citamos, nessa epígrafe, o título de artigo assinado pelo ex-presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em 19/07/2018, no jornal Folha de São Paulo, preso na Carceragem da Polícia Federal em Curitiba, PR, uma vez que recupera a canção referida na nota anterior, em deliberada posição de protesto. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/.../luiz-inacio-lula-da-silva-afaste-de-mim-este-cale-se>. Acesso em 04/08/2018.

Algumas palavras iniciais – palavras sobre uma palavra

O presente trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “A constituição do sujeito na e pela língua: investigações acerca do processo de gramatização, manutenção e atualização do saber nos e sobre os instrumentos linguísticos”⁵ e visa a apresentar uma análise discursiva e contrastiva entre dicionários da língua portuguesa, objetivando investigar a produção de sentidos pelo viés da palavra, tangenciando questões relativas à língua e ao discurso. A partir da perspectiva discursiva, nossa proposta é contrastar o verbete “democracia” no interior dos dicionários: *Novo Aurélio Século XXI*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (dicionário impresso) e *Dicionário Online de Português* (dicionário digital), instrumentos linguístico-discursivos da maior importância no século XXI. Explicitemos, no entanto, por que democracia – ou: por que essa e não uma outra palavra? Interessa-nos compreender o processo de constituição ideológica, social e histórica de uma palavra que pode ser lida e ouvida, diariamente, no universo das ruas (em casa, na escola, no *shopping*, etc.), das manifestações (passeatas, cartazes, redes sociais, etc.), no discurso político (nas vozes dos governantes e dos candidatos de oposição), entre outros. Interessa-nos espaços de reflexão com base em uma questão referida por Pêcheux ([1975] 2009), a partir de um dito de Lênin –a língua vai aonde o dente dói, sobre a relação do sujeito com seus dizeres, em seus mal-estares. No encontro entre uma atualidade e uma memória – referimo-nos aos acontecimentos passados, de 1964, e aos recentes, de 2016 –,a palavra democracia (sustada, suspensa ou sustentada) mobiliza o imaginário e determina a praxis do sujeito sócio-historicamente situado. É do lugar de analistas de discurso, igualmente inscritos

⁵ Coordenado pela professora Verli Petri, orientadora e colega.

em dadas condições de produção (de sentidos) que nos lançamos a este pensar.

Para isso, apresentamos algumas considerações teóricas, as quais tocam a questão do discurso e do dicionário na perspectiva da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, na expectativa de melhor compreender como se constitui o verbete democracia no interior dos dicionários neste início de século XXI e como se dá a circulação dos sentidos para além dos dicionários. Queremos, com isso, tomados por um gesto de leitura, ainda inicial, problematizar os modos de produção de sentidos, via dicionarização do verbete democracia, norteados pelas seguintes questões: de que modo o suporte, no qual é apresentado o verbete, intervém na produção de sentidos? Como se efetiva o funcionamento da história em diferentes dicionários? Que discurso é esse que coloca em relação os sentidos produzidos no dicionário e os mobilizados por sujeitos na cidade?

Algumas considerações teóricas: no curso do discurso

Inicialmente, é indispensável definir o que é dicionário. Geralmente, entende-se o dicionário como um objeto de consulta, que apresenta a ortografia correta e os significados das palavras. No discurso do senso comum, o dicionário é visto como obra de referência, que fica na prateleira mais alta da biblioteca, que deve ser consultada ali e imediatamente depois retornar ao seu lugar; é delegado a ele o papel de dirimir todas as dúvidas sobre a língua (ou as línguas), uma vez que nele se guardaria o discurso da certeza; tais sentidos concorrem para formalizar sua historicidade, que vem sendo calcada em um estereótipo reproduzido através dos tempos. Apesar dessas ideias terem sido reproduzidas no espaço escolar e universitário por muito tempo, já existe um trabalho consistente na área dos estudos linguísticos que questiona essa

história e provoca os consulentes do dicionário a se questionarem acerca da língua que ele “guarda”, bem como das formas como ele pode ser tomado. Já não podemos ver somente o estereótipo de dicionário que guarda uma “língua imaginária” (ORLANDI, 2009), já que a língua fluida constitui os sujeitos e os sentidos. Segundo Nunes (2011, p.101), o dicionário não é somente lugar de consulta, de certeza, ele faz parte de uma historicidade, de uma época, e é, portanto, “lugar de observação do léxico”. Isso nos interessa: observar a palavra em funcionamento dentro e fora do dicionário.

Ancorados na perspectiva teórica da Análise de Discurso e da História das Ideias Linguísticas, tomamos o dicionário como objeto discursivo, isto é, enquanto discurso, “‘efeitos de sentidos’ entre os pontos A e B”, tal como o postulado por Pêcheux ([1969] 2010, p. 81). Esses “efeitos de sentidos” são mais que transmissão de informação, são relações históricas, sociais, ideológicas, o que podemos observar nas materialidades para além da língua, como é o caso da imagem que exploraremos também no interior desta reflexão. Para tanto, consideramos o dicionário como instrumento linguístico resultante da Revolução Tecnológica da Gramatização, ou seja, levamos em conta a perspectiva de Aurox (1992), na qual “o processo que produz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias que são ainda hoje os pilares do nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário”. Consideramos o dicionário (e a gramática) como instrumentos linguísticos essenciais ao processo de gramatização das línguas e, ainda, tratamos o dicionário como uma materialidade discursiva (cf. NUNES, 2006).

Entendemos que é importante estudar o dicionário numa perspectiva discursiva enquanto “um objeto histórico que implica tanto em observar a estabilização dos sentidos em circunstâncias específicas, quanto em apreender suas transformações, suas atualizações, suas

rupturas” (NUNES, 2007, p. 173), pois fazem parte das condições de produção do discurso em que eles se inserem; já que os dicionários trazem informações sobre a língua e sobre a sociedade, mobilizando a exterioridade e a historicidade que lhes são constitutivas.

De nossa perspectiva teórica, entendemos por condições de produção algo que dá conta não apenas do contexto sócio-histórico, mas também do imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória. E é a essa memória do dizer que Orlandi (2009, p.30) vai chamar de interdiscurso, responsável pelos sentidos que ressoam de outro lugar, mostrando a necessidade dos movimentos parafrásticos e polissêmicos para a constituição dos sentidos. O jogo entre paráfrase e polissemia, assim, atesta o confronto entre o simbólico e o político. Assim, conforme Orlandi:

Cabe ao analista compreender como o político e o linguístico se interrelacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados. Como o sujeito (e os sentidos), pela repetição, estão sempre tangenciando o novo, o possível, o diferente. Entre o efêmero e o que se eternaliza. Num espaço fortemente regido pela simbolização das relações de poder. (ORLANDI, 1999, p.38)

Sobre os dicionários, palavras sobre as palavras

Com base nas condições de produção de cada dicionário, fizemos uma breve análise das notas que introduzem os dicionários. Conforme Petri (2008, p.10), o dicionário *Aurélio* se dedica a “reunir verbetes da língua viva, atualizada cotidianamente, num esforço de controlar, ou pelo menos de contenção dos possíveis efeitos de sentidos que essas palavras possam produzir na língua portuguesa atual”. Visto que esse dicionário dialoga com as edições anteriores, a fim de atualizar as palavras e os sentidos, é possível observar a

dedicação de *Aurélio* com a produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito.

O *Dicionário Online de Português* tem como objetivo “criar o melhor e mais adequado dicionário *online* gratuito de Língua Portuguesa. Todos os conteúdos foram criados ou selecionados pela sua equipe, utilizando várias fontes de referência”. Na seção nomeada “Sobre nós”, ao clicarmos em um hiperlink no *site*, temos que:

Reconhecendo o caráter dinâmico da língua portuguesa e a constante evolução de suas palavras, o Dicionário contextualiza suas definições com exemplos reais de uso da língua, destacando também expressões idiomáticas e de uso corrente, bem como regionalismos, coloquialismos, estrangeirismos e neologismos”. Uma citação atrás da outra, veja como se faz isso na metodologia da pesquisa... “Nos verbetes, as acepções estão classificadas gramaticalmente e ordenadas conforme o uso; outras informações relevantes, o domínio conceitual ou a área do conhecimento para a qual os significados se aplicam, estão destacadas com colchetes, seguidas pela etimologia (entre parênteses) no final da definição.”

Esse dicionário é considerado de fácil acesso e de fácil compreensão, pois as definições são breves e possuem exemplos do cotidiano, aproximando o leitor da sua definição.

Os verbetes: recortes de palavras e de sentidos

Nesta seção, disponibilizamos os verbetes dos dicionários de Língua Portuguesa consultados na íntegra. Desse modo, os dicionários como *corpus* desta pesquisa, a fim de que se conheçam e observem as diferenças e as semelhanças nos processos de produção de sentidos envolvidos na constituição dos dois dicionários selecionados, o que se deve a determinadas condições de produção nas quais estão inseridos.

Dicionário Online de Português⁶:

Democracia. S.f. 1. Governo em que o poder é exercido pelo povo.

2. Sistema governamental e político em que os dirigentes são escolhidos através de eleições populares: o Brasil é uma democracia.

3. Regime que se baseia na ideia de liberdade e de soberania popular; regime em que não existem desigualdades e/ou privilégios de classes.

4. Nação ou país cujos preceitos se baseiam no sistema democrático.

Etimologia (origem da palavra democracia).

Do grego *demokratia*.as

Novo Aurélio Século XXI:

Democracia. S.f. 1. Governo do povo; soberania popular; democratismo. [Cf. *vulgocracia*.]

2. Doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder, ou seja, regime de governo que se caracteriza, em essência, pela liberdade do ato eleitoral, pela divisão dos poderes e pelo controle da autoridade, i. e., dos poderes de decisão e de execução; democratismo. [Cf. (nesta acepç.) ditadura (1).]

3. País cujo regime é democrático.

4. As classes populares; povo, proletariado.

Democracia autoritária. Ciênc. Pol. Sistema de governo surgido após a 1ª Guerra Mundial, em geral anticomunista, firmado na supremacia do poder executivo em relação aos demais poderes.

Democracia popular. Ciênc. Pol. Designação comum aos regimes políticos monopartidários dominantes nos países da área socialista. [Cf., nesta acepç., *república popular*.]

⁶ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/democracia/>> Acesso em: 20/03/2018

O verbete democracia no interior dos dicionários: recorte de sentidos

Podemos verificar alguns processos de produção de sentidos, através do estabelecimento das relações entre palavras idênticas em diferentes dicionários, a saber: processo de determinação, processo de antonímia, processo de paráfrase e a própria historicidade que os constitui.

No Novo Aurélio Século XXI, temos a definição de democracia acompanhada de determinantes, como: “democracia autoritária e democracia popular”, possibilitando duas direções de sentido, em contraponto ao *Dicionário Online de Português*, em que não há presença de determinantes, mas possui exemplos, como: “O Brasil é uma democracia”. Ou seja, de um lado, temos uma definição de democracia como algo “mundial”, e, de outro lado, reduzindo “democracia” somente como algo do Brasil; sendo assim, observamos o processo de determinação sendo realizado. Vemos também o processo de antonímia, em que, no *Dicionário Online de Português*, temos ditadura como antônimo de democracia; já no *Novo Aurélio*, não temos ditadura como antônimo de democracia. Logo no início das definições nos dois dicionários, há o processo de paráfrase em funcionamento, em que o *Novo Aurélio* define como “governo do povo, soberania popular”, e o *Dicionário Online* como “governo em que o poder é exercido pelo povo”.

Os dois dicionários são produzidos em determinadas condições de produção, século XXI, portanto, considerados atualizados e de fácil acesso; nesse sentido, o *Novo Aurélio* abrange a historicidade da época e o *Dicionário Online* contempla um olhar voltado à atualidade. Verificamos também o funcionamento do efeito “palavra-puxa-palavra” (PETRI, 2018) no interior dos dois dicionários. O *Novo Aurélio* indica as acepções que devem ser conferidas, como “Cf. nesta

acepç. ditadura⁽¹⁾ e o *Dicionário Online* disponibiliza o hiperlink que, ao clicar, vai direto ao verbete a ser conferido; sendo assim, conforme observamos, se estabelecem relações entre palavras no interior do mesmo dicionário pelo efeito “palavra-puxa-palavra”. Por essa rede de produção de sentidos, no interior dos dicionários que estudamos, torna-se possível explicitar as relações estabelecidas entre as palavras, aquilo que faz parte da construção do dicionário. Outrossim, destacamos que esse efeito “palavra-puxa-palavra” foi realizado a partir dos processos de produção de sentidos, o que pode ser destacado pela presença de paráfrase, antonímias, determinação e historicidade.

O verbete democracia para além dos dicionários: sentidos em recorte

No intuito de promover uma reflexão sobre os sentidos de “democracia” para além dos dicionários, pensando nos sentidos já-lá, já-ditos, já-postos e que podem sempre vir a ser outros, buscamos, em mídias sociais, imagens e notícias que, ao nosso ver, são também lugar de visibilidade e de circulação de determinada palavra. Neles, podemos observar os possíveis movimentos de aproximação e distanciamento das definições encontradas nos dicionários. Para que possamos desenvolver o que pretendemos, nossas reflexões se darão a partir de dois processos fundamentais na linguagem: paráfrase e polissemia.

Desse modo, ao fazermos essa “leitura” das imagens que estamos propondo, buscamos ir além do que se diz nos dicionários, como lugar de legitimidade de sentidos; ao trazermos à baila o que fica explícito nas evidências; buscamos entender o que constitui o processo. Concordando com Petri (2010, p.6), quanto à produção dos sentidos, “entendemos que implica ainda a inscrição dos sujeitos em determinada formação discursiva e as singulares relações que cada sujeito estabelece com as formações ideológicas às quais está “livremente” submetido”.



Figura 17: “Servidores do Judiciário e do MPU lançam manifesto em defesa da democracia”,

A figura 1, intitulada como “Servidores do Judiciário e do MPU lançam manifesto em defesa da democracia”, veiculada no site Sul 21, em março de 2016, remete a uma manifestação que defende a legalidade, a democracia e o Estado Democrático de Direito, repudiando ações contra as liberdades individuais e democráticas. Como podemos observar nos cartazes, os manifestantes lutavam para que o ano de 2015 fosse diferente do ano de 1964 – quando o golpe visava, sob a justificativa de colocar “ordem” no

país, a interromper a democracia – e também expressavam a demanda da ampliação da cidadania dos trabalhadores urbanos e rurais. Ou seja, os manifestantes assumem a posição em defesa da democracia, de seu estabelecimento de fato, tal como é definida, pedindo ainda mais amor e menos ódio. Sobre essa questão, Streck, Gonçalves e Petri (2018, s/p) afirmam que “o discurso de ódio é pautado na violência, na segregação, em uma diferenciação entre o superior (aquele do qual provêm o ódio) e o inferior (o sujeito a quem se dirige o ódio), e isso abrange inúmeros grupos minoritários e ‘excluídos’”. Aqui temos um exemplo disso que é definido pelas autoras, assim como temos uma aproximação de democracia com o que está posto nos dois dicionários, como o governo cujo poder é exercido pelo povo. A rede de sentidos, de que falávamos antes, ganha mais um “ponto”, um “nó”, dando continuidade a uma direção de sentidos em detrimento de tantas outras possíveis.



Figura 28: “Manifestos em defesa da democracia”

7 Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/em-destaque/2016/03/servidores-do-judiciario-e-do-mpu-lancam-manifesto-em-defesa-da-democracia/>> Acesso em: 20/03/2018.

8 Disponível em: <<http://www.pt.org.br/manifestos-em-defesa-da-democracia/>> Acesso em: 20/03/2018

A figura 2, intitulada como “Manifestos em defesa da democracia”, veiculada no *site* do PT⁹, é usada como capa de notícias sobre as diferentes manifestações ocorridas no Brasil. Neste *site* há um *link* em que, ao clicar, o usuário é direcionado à notícia sobre o manifesto, onde são encontradas diversas outras manifestações, como: manifesto dos advogados do Paraná, dos Africanistas, dos docentes da universidade da Unicamp. Essa imagem, portanto, traz em si uma memória, a de que o Brasil é uma democracia exatamente por estar em defesa da democracia, o que remete ao que está posto no *Dicionário Online de Português*, inclusive, aproximando-se do exemplo “O Brasil é uma democracia”. Além de estar assumindo uma posição em defesa da democracia, não só a favor de Dilma Rousseff¹⁰, do PT, mas em defesa da democracia no modo geral, manifesta-se em defesa do povo sobre os seus direitos, seja na saúde, seja na educação, pelas universidades, ou seja, em prol de seus direitos garantidos constitucionalmente mesmo, aproximando-se do que está posto nos dicionários.

9 PT- Partido dos Trabalhadores é uma associação voluntária de cidadãos e cidadãs que se propõe a lutar por democracia, pluralidade, solidariedade, transformações políticas, sociais, institucionais, econômicas, jurídicas e culturais, destinadas a eliminar a exploração, a dominação, a opressão, a desigualdade, a injustiça e a miséria, com o objetivo de construir o socialismo democrático”.

– Estatuto do PT, Artigo 1º. Disponível em: <<http://www.pt.org.br/estrutura-partidaria/>> Acesso em: 20/03/2018

10 A presidente sofreu retaliação do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), com a abertura do processo de impeachment. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/2015-um-ano-difilic-para-dilma-rousseff/>> Acesso em: 20/03/2018



Figura 3¹¹: “Membros da CUT e petistas fazem ato contra impeachment em Cuiabá”

A figura 3, intitulada “Membros da CUT e petistas fazem ato contra impeachment em Cuiabá”, veiculada no site do G1, em dezembro 2015, remete-nos a uma manifestação cujo objetivo consiste em cobrar a cassação de Eduardo Cunha e pedir respeito à democracia. Caracterizado como um ato nacional, em defesa da democracia, em que se posicionam contra o *impeachment*, justificam que “não há comprovação de crime de responsabilidade da presidente eleita pela maioria do povo brasileiro”. Observamos que há um distanciamento entre o que aqui se encontra e aquilo que está posto no dicionário, não no sentido de estar diferente, mas sim na mobilização de sentidos outros, transbordando os limites do verbete, pois, aqui, golpe implica pensar em algo que sabota a democracia; já no dicionário não temos esses outros sentidos, já que estão em outras condições de produção, quando não fazem referência ao golpe. Ao estabelecermos relações com os dicionários, deparamo-nos com a questão: afinal, o que é então democracia? Aqui, nessa imagem, temos o enunciado definidor: “Defender Dilma é defender a democracia”, em que $x = y$; assim, y também é igual a x , ou seja, defender a democracia é defender Dilma, que responde à questão.

11 Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/12/membros-da-cut-e-liderancas-do-pt-fazem-contra-impeachment-de-dilma.html>> Acesso em: 20/03/2018.



Figura 4¹²: O manifesto da Saúde pela Democracia”,

A figura 4, intitulada “O manifesto da Saúde pela Democracia”, veiculada pelo *site* GGN - autodenominado o jornal de todos os Brasis-, em abril de 2016, mostra que estudantes, professores, pesquisadores, intelectuais e militantes do campo da saúde se reuniram para defender as conquistas de um sistema universal de saúde, integral e pública, as quais se deram lado a lado à luta pela redemocratização do país. O efeito de sentido que aí funciona está na posição de que, se não houver democracia, não há direito; por isso, assumem tal posição, a de democracia como o seu partido, em defesa da democracia e do estado de direito. O enunciado “Meu partido é a democracia” é uma paráfrase ao verso do Cazuza “Meu partido é um coração partido”; mas, e o que significa coração partido? Conforme Petri e Grantham (2018, p. 08), “meu partido’ produz um sentido de “situação político-partidária”, recuperando elementos da memória discursiva de que os sujeitos eleitores são interpelados ideologicamente e devem tomar partido, fazer parte de”. Ou seja, aqui eles definem o seu partido como sendo a democracia, fazendo

12 Disponível em: < <https://jornalggn.com.br/noticia/o-manifesto-da-saude-pela-democracia> > Acesso em: 20/03/2018.

também alusão ao não dito: se democracia é um partido, quais são os outros partidos? Se a democracia é parte de algo, qual seria o todo?

Ao analisarmos o verbete democracia em diferentes dicionários atuais do século XXI, tem-se o efeito de que os sentidos sobre democracia vão sendo atualizados; no entanto, como podemos ver, alguns sentidos de democracia são silenciados nos dicionários e isso também produz sentidos. Assim como nas imagens, os manifestantes assumem uma posição em uma dada formação discursiva, quando, sabemos, a ideologia interpela sujeitos e determina sentidos, sempre.

Significação das imagens: efeitos de sentido

Michel Foucault, em “Isto Não É um Cachimbo” ([1973] 2008) traz reflexões sobre o tema dos desenhos feitos por René Magritte, em que temos na tela *Os dois mistérios*, de 1966, dois cachimbos, um pintado e outro flutuando no ar, além de uma frase com o mesmo nome do quadro. O cachimbo do quadro, a palavra cachimbo ou a frase acerca do cachimbo não são cachimbos, pois são representações dele, isto é, não existe relação direta entre o nome e a coisa.

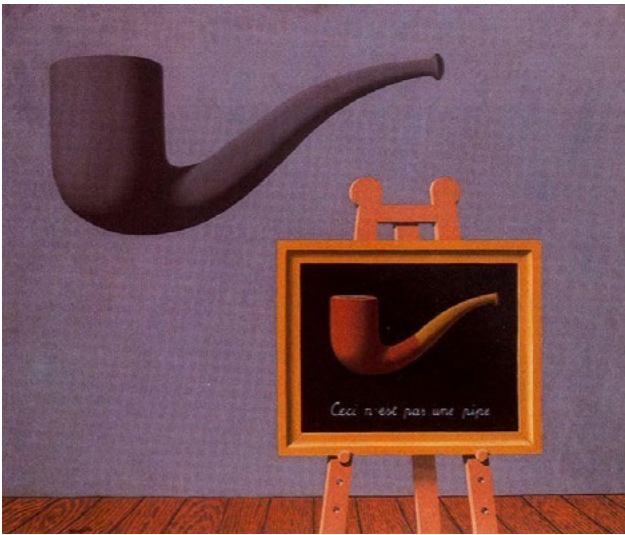


Figura 5: Isto não é um cachimbo

O quadro remete a isso, não é um cachimbo, mas o desenho de um cachimbo, em que o desenho é apenas a representação de um objeto. A frase que aparece no quadro não é um cachimbo, já que “isto não é um cachimbo, mas uma frase dizendo que não é um cachimbo”. Além disso, temos a seguinte frase: “este quadro, esta frase escrita, este desenho de um cachimbo, tudo não é um cachimbo” (FOUCAULT, [1973] 2008, p. 35). Então, como nós podemos afirmar alguma coisa? Entretanto, é inevitável relacionar o que está escrito com o desenho do cachimbo. Podemos refletir que no espaço entre a frase e a imagem há o espaço do lugar comum, o espaço do senso comum e espaço que liga coisas que parecem óbvias, mas na verdade não são. Então, temos uma possibilidade de análise da imagem, ou seja, apesar de existirem muitas outras, esse quadro instaura uma dúvida para o que é “verdade” ou o que é “real”, o que é não-verdade, o que é não-real, ou seja, no fundo, não podemos ter certeza de nada e podemos observar um modo de chegar próximo dessa relação entre realidade e conhecimento a outras instâncias do pensamento: através da arte. Isso, de certa forma, desacomoda a leitura que podemos fazer das imagens (assim como também das palavras), porque não só deixa em evidência a questão dos sentidos como também o ponto de vista a ser

tomado na interpretação, o qual se submete ao conhecimento e à abordagem de quem o analisa.

FOUCAULT ([1973] 2008) mostra que se trata de uma representação, que não há relação direta entre o objeto, a representação do objeto e o nome do objeto. Com base nisso, escolhemos fazer referência a essa obra, pois podemos considerar que Michel Foucault tornou-se “popular” na medida que sua obra “Isto não é um cachimbo” é reconhecida não só por filósofos, linguistas, mas também por outras pessoas, quando puderam fazer referência a ela, modificando frases, imagens, entrando nesse fio do discurso, sem perder (a memória) da ideia central.

Colocamos a citada obra em discussão aqui neste texto com o objetivo de dar continuidade às análises de imagens, atentando à possibilidade do efeito imagem-puxa-imagem. Assim, ao descobrirmos a primeira imagem disponível em uma publicação, foi possível encontrar, através das ferramentas da internet, no próprio Google imagens, outras imagens que fazem parte de “Ceci n’est pas une démocratie”.



Figura 6¹³

Na figura 6, a imagem é um cassetete. Teoricamente, não há relação parafrástica direta, tampouco indireta entre cassetete e democracia. Os efeitos de sentidos produzidos são que, em

13 Disponível em: <<https://www.facebook.com/anarcomiguxosVI/photos/a.1023164014457480.1073741828.1022841364489745/1524475264326350/?type=3&theater>> Acesso em: 05/04/2018.

algumas situações, a força física é usada no lugar da inteligência e do diálogo e é vista, muitas vezes, como solução para problemas complexos – em outras palavras, “é preciso dar um basta a essa agitação, chega de conversa, vamos à ação, à ordem”. Nesse caso, acessamos os sentidos a partir do processo metonímico, no qual uma parte da violência policial pode ser simbolizada pelo cassetete e reconhecida em diferentes línguas ou grupos sociais ocidentais. Usar um cassetete em uma manifestação ou em algum ato seria próprio da democracia? O que o cassetete tem a ver com democracia? Há um espaço de contradição, pois o cassetete é próprio à polícia, nos remetendo ao que está posto na definição dos Aparelhos Repressores do Estado (Althusser, 1987); sendo assim, o uso da força policial remete à ditadura e não à democracia. Olhando pelo viés da contradição, a representação do cassetete nos remete ao risco de estilhaçamento que a democracia corre, sobretudo, a brasileira.

Ao depararmos com essas imagens, questionamo-nos se alterar o nome é alterar os sentidos. Compreendemos que a imagem do cachimbo e a frase sobre ele (ou melhor, sobre a negação daquilo que poderia ser) servem como referência para outras imagens; porém, temos outras imagens, designadas por diferentes nomes. Agora temos democracia com outros sentidos sendo produzidos e reproduzidos em diferentes condições de produção:



Figura 7¹⁴

14 Disponível em: < <https://placard.ficedl.info/article8772.html?lang=fr> > Acesso em: 05/04/2018.

A figura 7 é composta pela imagem de uma urna com alguns papéis representando o voto popular; logo abaixo, a frase “Isto não é democracia”, que transmite o sentido de algo que poderia ser o real, ou a representação do que pode, por um processo metonímico, representar um sistema político democrático. Aproximando-se da definição posta nos dicionários analisados, democracia é um “regime de governo em que todas as importantes decisões políticas estão com o povo, que elegem seus representantes por meio do voto”. Muitas vezes, há o equívoco desse sentido, pois o sistema democrático designa um regime político em que o poder pertence ao povo. Mesmo que os candidatos sejam previamente selecionados, dentro de partidos, interpelados pela ideologia, o direito de escolha do povo é a partir dessa lista prévia dos candidatos, o que faz com que esse sistema estabeleça uma escolha ilusória; de qualquer modo, representa uma demonstração de democracia. A representação da democracia pelo voto já não garante mais que a democracia se efetive...

Efeito de conclusão

A partir do percurso que propomos inicialmente, concluímos que o dicionário não dá conta de todos os saberes, por mais atual que seja considerado: saberes e sentidos mudam de acordo com as condições de produção. Ao analisarmos “democracia” nas ruas, nas manifestações atuais, especificamente nas imagens, confirmamos que, no dicionário, não estão postos todos os sentidos, os sentidos são móveis e movimentam-se. Nos casos analisados, à luz das demandas sociais, se atrelam à memória de não se deixarem calar, de poderem se dar a ressignificações, deslizando ou reafirmando sentidos, alimentando ou provocando o (des)conforto muito mais do direito à metáfora do que do efeito da contenção/manutenção do sentido

Portanto, podemos afirmar que os dois dicionários são importantes instrumentos linguísticos, consideráveis em suas especificidades. Mesmo que os dois pertençam ao século XXI e que cada um apresente-se por meio de um determinado suporte (impresso ou digital), consideramos que interferem na produção de sentidos, atestando que não há neutralidade no dizer dos e sobre os verbetes e que a ideologia está sim funcionando em dadas condições de produção. As imagens analisadas, enquanto materialidades discursivas outras, também entendidas como discurso, possibilitaram a visibilidade de um leque de sentidos produzidos, calcadas na paráfrase e na polissemia.

Desse modo, fizemos um gesto de leitura, ainda que inicial, problematizando os modos de produção de sentidos, via dicionarização do verbebo democracia contrastando com as imagens. Fomos norteados pelas questões que nos propusemos e procuramos respondê-las no decorrer do trabalho, cabendo reafirmar que o modo do suporte no qual é apresentado o verbebo (impresso ou online) intervém na produção de sentidos. Nas análises, mostramos que discurso é esse que coloca em relação os sentidos produzidos no dicionário e os mobilizados por sujeitos na cidade, especificamente em manifestações nas ruas. Assim, construindo sentidos, nas ruas, nos dicionários – em suas redes –, em vozes, em escritos ou em silêncios (que também atordoam¹⁵), o sujeito da e na língua, busca e encontra sentidos, não aprisionando palavras na garganta, tampouco sucumbindo aos imperativos “cale-se”. Gestos de interpretação.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

FOUCAULT, M. *Isto não é um cachimbo*. 5. ed. Traduzido por Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1973] 2008.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes; São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto: Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni P. Lexicografia Discursiva. In: _____. *Língua e Conhecimento Linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PECHÊUX, Michel. (1969) *Análise automática do discurso* (AAD-69). In: GADET, F; HAK, T. (Orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel 108 Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

_____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Traduzido por Eni Puccinelli Orlandi [et al]. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. *Revista Letras*. Nº 37. P. 227-243. Jul/Dez, 2008.

PETRI, Verli & SCHERER, Amanda. O funcionamento do político na produção de sentidos: o dicionário como trajeto de leitura In: *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 359-373, 2016.

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: PPGL-Editores. (2010)

PETRI, Verli. De “garganta do diabo” para “ponte sobre o vale do menino Deus”: reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público. *RUA [online]*. n.16. v.1, p. 66-82, 2010.

15 Em referência à canção “Cálice” (1973), conforme nota 3.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Conexão Letras*. n. 19.v. 13, p. 47-58, 2018.

PETRI, Verli & GRANTHAM, Marilei. *Meu coração é um coração partido: o político como espaço de produção de sentidos*. In: GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabieli de. Livro do SEAD. Campinas: Pontes, 2018.No Prelo

SILVA, M. V. Instrumentos linguísticos: língua e memória. *Revista Letras*. Santa Maria: UFSM/PPGL, n. 27, p. 109-116, 2003.

STRECK, Betiane; GONÇALVES, Gabriela; PETRI, Verli. Discursos de ódio no Facebook, comentários hostis nos posts: a análise de discurso como espaço de resistência. IN: SOUSA, Lucília; GARCIA, Dantielli; DARÓZ, Elaine; ISHIMOTO, Adonai. “*Resistirmos, a que será que se destina?*” 2018. No prelo.

Dicionários utilizados como objeto de análise:

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 01/03/2018

Submissão em: 07 de agosto de 2018;

Aceite em: 16 de agosto de 2018.